

Até que ele venha: a expectativa do fim na história do cristianismo

INTRODUÇÃO

Desde o seu início, o movimento cristão tem se caracterizado por um nítido elemento apocalíptico. O cristianismo tem uma concepção linear da história, apontando para um fim que marcará a consumação de todas as coisas. Esse elemento já estava fortemente presente no judaísmo pré-cristão, especialmente nos profetas e nos salmos do Antigo Testamento, com a sua esperança messiânica e a sua mensagem acerca do Dia do Senhor, a intervenção de Deus na história para libertar Israel dos seus inimigos e instaurar uma era de justiça e paz. Jesus manteve essa ênfase escatológica ao fazer da vinda iminente do reino de Deus a sua mensagem principal. Os apóstolos, nos escritos que vieram a compor o Novo Testamento, preservaram a convicção da igreja primitiva de que os cristãos vivem entre dois tempos, entre o “já” e o “ainda não”. O Filho de Deus já veio ao mundo, morreu e ressuscitou; ao mesmo tempo, ele ainda irá voltar no futuro para consumir todo o propósito de Deus em relação à humanidade. O Reino de Deus está presente, mas ainda não alcançou a sua plenitude. Essa permanente tensão tem feito com que os cristãos, a cada geração, se preocupem, com maior ou menor intensidade, com as questões referentes ao fim dos tempos.

A presente reflexão procura sintetizar algumas das principais atitudes dos cristãos ao longo da história em relação à volta de Cristo e aos acontecimentos a ela relacionados. Entre esses eventos estaria o milênio, isto é, a noção de que Cristo, na sua volta, irá instaurar um reino literal sobre a terra, durante mil anos (Ap 20.1-7). A principal fonte utilizada para este retrospecto foi um número da revista *Christian History* (História Cristã) publicado em 1999.

1. Os primeiros séculos

O período apostólico foi caracterizado por uma intensa esperança escatológica, como se pode constatar nas epístolas paulinas, nas epístolas gerais e no livro do Apocalipse. Todavia, ao contrário da opinião da crítica bíblica moderna, a demora ou adiamento da parousia (termo técnico para a “presença” ou segunda vinda de Cristo) não parece ter causado grande comoção entre os primeiros cristãos. Eles simplesmente passaram a interpretar os eventos de outra maneira. Com o tempo surgiu o entendimento de que a volta de Cristo poderia não ser um evento iminente e sim muito distante no futuro, e aqueles que afirmavam o contrário foram encarados com desconfiança.

Muitos dos primeiros cristãos parecem ter entendido a ressurreição de Cristo como o início do milênio. Aliás, as preocupações milenaristas ou quiliásticas (do grego *chilioi* = “mil”) foram generalizadas nos primeiros séculos da igreja. Papias (c.60-120 d.C.), um dos chamados “pais apostólicos”, foi o primeiro autor subsequente ao Novo Testamento a descrever o milênio, assim como também o fez o gnóstico Cerinto (c. 100 d.C.), embora a sua descrição dos prazeres físicos associados ao mesmo tenha escandalizado os ortodoxos. Em sua obra *Diálogo com Trifo*, o Judeu, o apologista Justino Mártir (c.100-165) foi um passo além de Papias ao afirmar que o milênio teria início após a vinda do Anticristo e a segunda vinda de Cristo. Os fiéis falecidos iriam ressuscitar dentre os mortos e reinar com Cristo por mil anos na nova Jerusalém. Assim sendo, ele é considerado por muitos o primeiro “pré-milenista”, ou seja, defensor da noção de que a volta de Cristo precede o milênio. Justino foi seguido nessa opinião pelo célebre bispo Irineu de Lião (c.130-c.200), um discípulo de Papias, em sua monumental obra apologética *Contra as Heresias*, dirigida contra os gnósticos.

Justino e Irineu entenderam a segunda vinda de Cristo e o milênio como eventos distantes no tempo. Todavia, no final do segundo século alguns cristãos começaram a ver sinais de que o milênio era iminente, como foi o caso dos montanistas. Por volta do ano 172, Montano e suas auxiliares Priscila e Maximila começaram a afirmar que o milênio havia começado e que dentro em breve Jerusalém iria descer nas proximidades da Frígia, na Ásia Menor. Eles também disseram que Deus lhes havia dado autoridade sobre a igreja e que rejeitar os seus pronunciamentos era blasfemar contra o Espírito Santo. No início do terceiro século, Hipólito de Roma predisse que Cristo estabeleceria o milênio no ano 500, sendo um dos primeiros escritores antigos a fixarem uma data para a segunda vinda. Ele fez esse cálculo no seu comentário pioneiro sobre o livro de Daniel, partindo da premissa de que Cristo nascera 5500 anos após a criação do mundo. Assim, a segunda vinda e o início do milênio se dariam 500 depois e o mundo terminaria no ano 7000, uma idéia comum naqueles dias.

Curiosamente, o objetivo de Hipólito com essa data distante foi atenuar as expectativas de muitos de seus contemporâneos. Ele falou de um líder da igreja síria que havia levado o seu povo ao deserto para aguardar a segunda vinda. Outro líder, do Ponto, no norte da Ásia Menor, havia predito que Cristo voltaria dentro de um ano. Quando isso não aconteceu, os seus seguidores ficaram arrasados. Muitos abandonaram a fé: “As virgens se casaram; os homens se retiraram para as suas fazendas e aqueles que haviam imprudentemente vendido as suas possessões mais tarde foram vistos mendigando”.

Outra tentativa de atenuar as expectativas milenistas foi feita pelo grande teólogo do terceiro século Orígenes (c.185-c.254). Sua interpretação bíblica alegórica, não-literal, deu mais ênfase às ações praticadas pelos cristãos do que à cronologia dos eventos escatológicos. Algumas décadas mais tarde, quando a última perseguição imperial se abateu sobre a igreja (303-311), houve a especulação de que a temida tribulação podia ter chegado, sendo o imperador Diocleciano e o seu vice Galério a primeira e a segunda bestas de Apocalipse 13. Logo depois, com a vitória de Constantino e a completa inversão da situação da igreja, muitos tiveram a impressão de que o milênio finalmente havia chegado.

2. A contribuição de Agostinho

Inicialmente, o grande bispo de Hipona havia abraçado a posição milenarista da maioria dos antigos cristãos. Todavia, na sua obra mais importante, A Cidade de Deus (ano 427), ele passou a entender os mil anos de Apocalipse 20 como o período que teve início com a encarnação de Cristo, ou seja, a era da Igreja Cristã. Essa nova posição, muitas vezes chamada de “amilenismo” (isto é, a negação de um milênio literal), tornou-se a concepção predominante entre os cristãos ocidentais, inclusive os reformadores protestantes, por quase mil e quinhentos anos. Na era da Igreja, os santos já reinam com Cristo, embora não de modo tão pleno como acontecerá no reino eterno de Deus.

As razões apontadas para essa mudança de pensamento são várias. Entre elas está o fato de que, à medida que os anos passaram, Agostinho concentrou-se cada vez mais nas realidades celestiais, tanto presentes quanto futuras. A terra e as realidades históricas tornaram-se cada vez menos importantes para ele. A idéia de um milênio literal na terra após a volta de Cristo parecia-lhe demasiado grosseira; tudo o que importava era a cidade de Deus. Os cristãos são peregrinos cujo verdadeiro lar é a pacífica cidade que está além da história humana. “Sem essa esperança”, disse ele, “a presente realidade é uma falsa felicidade, ela é de fato uma completa miséria”. Portanto, a primeira vinda de Cristo deu início aos últimos tempos da história humana. A consumação está além deste mundo, quando Cristo reinar plenamente no meio do seu povo restaurado, quando tiverem ficado para trás as lutas e ambigüidades da era presente.

3. O apocaliptismo medieval

Curiosamente, a passagem do ano 1000 teve pouco significado apocalíptico para as pessoas da Idade Média, porque o cálculo dos anos a partir do nascimento de Cristo ainda era relativamente recente. Todavia, isso não significa que o cristianismo medieval estivesse pouco interessado em especulações sobre o final dos tempos. Por volta de 950, um monge chamado Adso escreveu um tratado sobre o Anticristo que popularizou a idéia do “último imperador mundial”, o grande monarca que precederia a vinda do Anticristo. Um elemento que alimentou o apocaliptismo desse período foi a corrupção da Igreja e a inércia dos seus líderes, situação que suscitou protestos como o da abadessa alemã Hildegarda de Bingen (1098-1179). Todavia, o mais famoso escritor sobre temas apocalípticos naquela época foi o abade Joaquim de Fiore (c.1135-1202), outro proponente da reforma da Igreja. Ele especulou que, logo após o ano 1200, duas forças anticristãs, possivelmente muçulmanos e hereges, iriam atacar, derrotar e perseguir intensamente os cristãos. Assim purificados, um papa reformador e as ordens monásticas criariam um mundo mais santo no qual as pessoas alcançariam uma compreensão inigualável do sentido oculto das Escrituras. Por um período indeterminado, os cristãos dominariam o mundo em um clima de paz.

Os eventos não se harmonizaram com essas previsões otimistas. Por vários séculos, os imperadores continuaram a entrar em choque com os papas, e nem uns nem outros promoveram as reformas que a Igreja reclamava. Essa situação, aliada a outras realidades negativas na sociedade mais ampla, continuou a inspirar não só a literatura apocalíptica, mas movimentos dessa natureza, como o dos taboritas, seguidores extremados de João Hus, e o do frade dominicano Jerônimo Savonarola (1452-1498). Um fato pouco conhecido são as motivações escatológicas por trás das viagens exploratórias de Cristóvão Colombo (1451-1506). O famoso navegador genovês era assíduo estudioso da Bíblia e estava familiarizado com a escatologia de Joaquim de Fiore. Ele preparou o chamado Livro de Profecias, uma coleção de predições sobre o fim do mundo e o retorno de Cristo no qual procurou demonstrar que as suas viagens serviam a um propósito divino. A descoberta de um caminho mais curto para o Oriente não só proporcionaria os fundos para a conquista de Jerusalém das mãos dos infiéis, mas possibilitaria a pregação do evangelho a todas as nações, dois requisitos para a volta de Cristo.

4. O período da Reforma

Os principais reformadores protestantes contestaram muitas doutrinas da Igreja Medieval, mas não manifestaram maiores preocupações com a escatologia predominante, herdada de Agostinho. Todavia, Lutero afastou-se de alguns aspectos do amilenismo da Idade Média. Por exemplo, ele questionou a glória da Igreja Histórica, cria que o papado era a manifestação do Anticristo e entendia a vinda do Senhor como uma ocasião feliz, e não como um dia de ira. Como Lutero, Calvino rejeitou explicitamente a posição milenista, considerando-a infantil e equivocada. Ele cria que a idéia do milênio impõe um limite ao reino de Cristo. Em grande parte, a escatologia de Calvino concentrou-se no futuro dos indivíduos. Nas Institutas da Religião Cristã, ele aborda a ressurreição final no contexto de uma seção mais ampla sobre como os indivíduos recebem a graça de Cristo. Para ele, a escatologia tem um sentido prático, pois a meditação sobre a vida futura é um elemento essencial da vida cristã.

Muito diferente foi o entendimento desse assunto por parte de alguns anabatistas extremados. O episódio que mais contribuiu para dar uma reputação negativa ao anabatismo no século 16 ocorreu na cidade alemã de Múnster. Tudo começou em 1529, quando Melchior Hofmann começou a pregar sermões apocalípticos em Estrasburgo anunciando a vinda literal e iminente do Reino de Deus. Após três anos de pregação incessante, as autoridades o lançaram na prisão, mas os seus seguidores, os melquioritas, surgiram por toda parte. Um deles foi Jan Matthys, um padeiro de Haarlem, na Holanda. Proclamando ser Enoque, a segunda testemunha do livro do Apocalipse, ele começou a pregar de maneira agressiva e a enviar grupos de seguidores através dos Países Baixos. Dois deles, Jan de Leyden e Gerard Boekbinder, foram para Múnster, onde o principal pregador da cidade, Bernhard Rothman, estava pregando idéias anabatistas a grandes multidões.

Ouvindo as notícias, Matthys teve a visão de que Münster deveria ser o local da Nova Jerusalém e mudou-se para aquela cidade com os seus seguidores. No início de 1534, após a fuga de parte da população católica e luterana, Matthys assumiu o controle de Münster. Iniciou-se um período de repressão que visava “purificar” a cidade, com rebatismos forçados, confisco de propriedades, queima de livros e a execução de um ferreiro pelo próprio Matthys. No domingo de Páscoa de 1534, acompanhado de alguns seguidores, Matthys atacou o exército do bispo que estava acampado fora da cidade, sendo imediatamente morto e decapitado. Jan de Leyden assumiu a liderança, ungiu a si mesmo rei, instaurou um reino de terror e introduziu inovações como a poligamia. No dia 25 de junho de 1535, o exército do bispo invadiu a cidade e matou quase todos os habitantes. Leyden e dois companheiros foram torturados até a morte com ferros em brasa. A esperança de uma Nova Jerusalém havia terminado em tragédia.

5. A experiência americana

Nos séculos 17 e 18, com o advento do Iluminismo, houve um forte declínio do entusiasmo apocalíptico que havia caracterizado o cristianismo europeu durante vários séculos. Todavia, do outro lado do Atlântico surgiu uma nova maneira de encarar a escatologia que ficou conhecida como “pós-milenismo”, a crença de que a segunda vinda iria ocorrer após um milênio de paz e prosperidade para a igreja, sendo o mesmo implantado através dos esforços da própria igreja, auxiliada por Deus. O pós-milenismo revelou uma atitude de profundo otimismo com relação ao progresso da igreja e da sociedade e foi uma doutrina geralmente aceita pelos protestantes norte-americanos até a segunda metade do século 19. Ela dominou a imprensa religiosa, os principais seminários e grande parte dos ministros, além de estar implantada na mentalidade popular.

O primeiro articulador dessa doutrina nos Estados Unidos foi o famoso teólogo calvinista e pastor congregacional Jonathan Edwards (1703-1758). No contexto do Primeiro Grande Despertamento, do qual foi um dos principais personagens, Edwards anteviu uma era de contínuo avanço do evangelho até que, por volta do ano 2000, surgisse o milênio, um período de paz, notável conhecimento, santidade e prosperidade geral. A maior contribuição de Edwards foi o entendimento de que essa obra resultaria de uma combinação da atuação do Espírito Santo com o uso de meios, como a pregação do evangelho e o cultivo dos “meios ordinários de graça”. Para ele, essa visão pós-milenista era um incentivo necessário para sustentar os melhores esforços da igreja.

A influência de Edwards continuou por várias gerações, principalmente após a Revolução Americana, quando surgiu um renovado interesse pela escatologia bíblica. Seu discípulo Samuel Hopkins publicou em 1793 um Tratado sobre o Milênio, dando grande ênfase ao ativismo social e expressando a convicção de que a grande maioria dos seres humanos iria converter-se. Suas expectativas pareceram confirmar-se com a ocorrência de um avivamento muito mais vasto nas primeiras décadas do século 19, o Segundo Grande Despertamento. Neste, o personagem de maior destaque foi o avivalista Charles G. Finney (1792-1875), que levou às últimas conseqüências a ênfase de Edwards no uso de meios por parte da igreja. Outro fervoroso partidário do otimismo pós-milenista, Finney entendia que o avivamento não era um fenômeno sobrenatural, mas resultava do uso apropriado de certas técnicas, as quais denominou “novas medidas”.

O contínuo progresso da nova nação norte-americana e a ocorrência de ainda outro avivamento em 1858 intensificaram as esperanças pós-milenistas, que eram expressas nos termos mais triunfalistas possíveis. Porém, com a Guerra Civil (1861-1865) e os grandes problemas gerados pela imigração, urbanização e industrialização, o entusiasmo pós-milenista entrou em refluxo. Seus últimos vestígios se manifestariam no movimento do Evangelho Social, no início do século 20, que ainda insistiu em falar na conversão da sociedade e na implantação do Reino de Deus na terra. O cenário estava preparado para o retorno triunfal do velho pré-milenismo abraçado por muitos cristãos antes de Agostinho.

6. A era dispensacionalista

Em meio ao pós-milenismo dominante, começaram a surgir nos Estados Unidos, ainda na primeira metade do século 19, diversos movimentos de natureza fortemente apocalíptica, como foi o caso dos mórmons (“os santos dos últimos dias”) e seu profeta Joseph Smith. Outro líder influente foi William Miller, um fazendeiro da Nova Inglaterra que, através do estudo da Bíblia e especialmente de Daniel 8.14, concluiu que Cristo iria voltar em 1843 ou 1844. A partir de 1838, a grande divulgação de suas idéias através de publicações e conferências despertou enorme interesse popular. Todavia, quando as previsões de Miller não se materializaram, os seus seguidores ficaram completamente desiludidos e amargurados com ele, que morreu quase esquecido em 1849. Mesmo assim, alguns de seus simpatizantes permaneceram firmes. Um pequeno grupo da Nova Inglaterra, liderado por James White e Ellen G. White, concluiu que Miller estava certo quanto à data, mas errado quanto ao local. No dia 22 de outubro de 1844 Cristo de fato purificou o santuário segundo a profecia de Daniel, mas o santuário estava no céu, e não na terra. Cristo não apareceu na terra em virtude da não-observância do sábado por parte da igreja. Assim surgiu a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Mais importante para o evangelicalismo norte-americano e mundial foi o pré-milenismo dispensacionalista. As origens desse movimento remontam ao inglês John Nelson Darby (1800-1882), um talentoso líder dos Irmãos de Plymouth. Suas idéias foram popularizadas nos Estados Unidos por C. I. Scofield através da sua famosa Bíblia Anotada. Esse sistema derivou o seu nome do fato de dividir a história em diversas eras ou dispensações. Outra peculiaridade estava na convicção de que Deus tem dois planos completamente diferentes atuando na história: um para os judeus e outro para a igreja. Todavia, sua doutrina mais controversa e distintiva é a do arrebatamento da igreja, quando Cristo virá para os seus santos, seguido da tribulação, da consumação do plano de Deus em relação aos judeus e da segunda vinda, quando Cristo virá com os seus santos. Então virá o milênio, seguido do juízo final e dos novos céus e terra.

Inicialmente, os evangélicos conservadores viram o dispensacionalismo com suspeitas. Todavia, a luta contra o liberalismo teológico aproximou os dois grupos, permitindo que os pré-milenistas fossem conquistando espaços. Em 1878, a Conferência Bíblica de Niagara aprovou uma declaração de fé que incluía, além de uma abertura para o pré-milenismo, ênfases evangélicas tradicionais como a autoridade das Escrituras e a necessidade da conversão pessoal. Apesar das suas diferenças na área da escatologia, fundamentalistas e pré-milenistas perceberam que possuíam muitas convicções comuns, o que os levou a firmar alianças por algum tempo. O pré-milenismo também foi auxiliado pelo apoio de líderes populares como o evangelista Dwight L. Moody e pela criação de institutos bíblicos. O fato é que, no final do século 19, o pré-milenismo parecia muito mais realista do que o pós-milenismo e os seus defensores apontavam para um grande número de problemas sociais como “sinais dos tempos” e evidências de que a sua posição era a mais correta.

7. O século 20

Um dos fenômenos mais importantes da história da Igreja no século 20 foi o surgimento do movimento pentecostal, que teve como uma de suas características mais distintivas o falar em línguas. Curiosamente, os estudiosos apontam para o fato de que o pentecostalismo inicial tinha como enfoque principal a segunda vinda de Cristo. O dom de se expressar em outras línguas (xenoglossolalia) era visto simplesmente como um instrumento para a colheita final de almas antes do arrebatamento da Igreja. Essa preocupação já estivera presente em Edward Irving (1792-1834), um pastor presbiteriano escocês que é tido como precursor do movimento carismático, e foi muito saliente nos primeiros líderes pentecostais, Charles Fox Parham e William J. Seymour. Depois de 1910, quando ficou claro que os missionários não estavam recebendo habilidades miraculosas de falar em outras línguas humanas, os pentecostais começaram a dar maior ênfase às línguas como evidência do batismo com o Espírito Santo e como uma linguagem devocional de oração. Mesmo assim, a preocupação escatológica não foi esquecida. Um exemplo disso é a Igreja do Evangelho Quadrangular, que tem como uma das quatro convicções básicas implícitas no seu nome a volta de Cristo.

Após a 2ª Guerra Mundial, o pré-milenismo despertou um interesse sem precedentes graças a fenômenos como as armas atômicas, a criação do Estado de Israel, a guerra fria entre os blocos capitalista e comunista e o surgimento da união européia. O número de publicações sobre o tema foi impressionante, os autores oferecendo as mais diferentes interpretações dos eventos contemporâneos à luz das profecias bíblicas. Um grande campeão de vendas por muitos anos foi o livro de Hal Lindsay, *A Agonia do Grande Planeta Terra* (1970). Muitos filmes também foram produzidos nessa área, inclusive pela indústria cinematográfica secular. O fim da União Soviética em 1989 e o transcurso do ano 2000 apresentaram novos desafios e a necessidade de reinterpretar, como também ocorreu com os atentados terroristas nos Estados Unidos em 2001 e suas conseqüências. Os cristãos de todas as eras ficam imaginando se o fim dos tempos não irá chegar na sua geração. Não poderia ser diferente em nossos dias, principalmente à luz de acontecimentos tão impressionantes que o mundo tem testemunhado. Importa que os seguidores de Cristo cumpram as solenes tarefas que lhes foram confiadas... até que ele venha.

Perguntas para reflexão:

1. Quais os aspectos positivos e negativos da preocupação de muitos cristãos com o futuro, com o fim do mundo?
2. Que problemas podem resultar da posição pré-milenista, com a sua visão pessimista da história e do mundo?
3. Que problemas podem resultar da posição pós-milenista, com o seu entendimento de que a pregação do evangelho irá inaugurar uma era de grande paz e prosperidade para o mundo?
4. Considerando que o Apocalipse é um livro fortemente simbólico, é legítimo interpretar literalmente os mil anos mencionados no capítulo 20?
5. Como as posições doutrinárias acerca do fim afetam a compreensão dos cristãos acerca da missão da igreja?

Sugestões bibliográficas:

- CLOUSE, R.G. *Milênio, conceitos do*. Em ELWELL, Walter A. (Ed.). **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1988-1990. Vol. II, p. 518-523.
- ERICKSON, Millard J. **Opções contemporâneas na escatologia**: um estudo do milênio. São Paulo: Vida Nova, 1982.
- GRIER, W. J. **O maior de todos os acontecimentos**. Campinas: Luz Para o Caminho.
- HILL, Craig C. **O tempo de Deus**: a Bíblia e o futuro. Apres. Timóteo Carriker. Viçosa, MG: Editora Ultmato, 2004.
- HOEKEMA, Anthony. **A Bíblia e o futuro**: a doutrina bíblica das últimas coisas. 2ª ed. São Paulo: Cultura Crist 2001.
- PATE, C. Marvin (Org.). **As interpretações do Apocalipse**. Coleção Debates Teológicos. São Paulo: Editora Vida.

- SHEDD, Russell. **A escatologia e a influência do futuro no dia-a-dia do cristão**. São Paulo: Shedd Publicações.
- SPROUL, R. C. **Os últimos dias segundo Jesus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.
- SUMMERS, Ray. **Digno é o Cordeiro**: a mensagem do Apocalipse. 5ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1986.

FONTE: <https://cpaj.mackenzie.br/historia-da-igreja/igreja-antiga-e-medieval/ate-que-ele-venha-a-expectativa-do-fim-na-historia-do-cristianismo/>